

1				1
			268	

Ufba desenvolve projeto para resgate da auto-estima pataxó

JAIR MENDONÇA

Uma pesquisa que está sendo realizada pela Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão da Ufba sobre os índios pataxós deverá contribuir para aumentar entre aquela nação indígena a auto-estima, facilitada pelo maior conhecimento de sua história. A afirmação é do professor Aristóteles Barcelos Neto, que desenvolve o projeto que custará R\$ 100 mil e levará dois anos para ser concluído, mostrando as mudanças ocorridas com os pataxós, especialmente entre os séculos XIX e XX, período que, embora rico em manifestações socioculturais da tribo, foi esquecido.

O projeto, que exigirá pesquisas exaustivas em museus e fundações brasileiras e da Alemanha, será desenvolvido em três etapas, explica o professor Aristóteles Barcelos. "Primeiro estudaremos os aspectos museológicos, depois a etno-história e, por fim, a antropologia-social", afirma, lembrando que, no plano museológico, o mais importante é o resgate do maior número possível de peças que identifiquem melhor a cultura material dos pataxós, que vivem no sul da Bahia, no período que vai do século XIX à década de 30.

Comparação

O maior problema, acentua o estudioso, é que esse acervo está praticamente na Alemanha. Ele integra o material coletado pelo príncipe alemão Maximilian Von Wiedneuwied, que esteve no Brasil e empreendeu uma viagem pelo litoral coletan-



Um dos objetivos do trabalho é relacionar peças que identificam a cultura material dos pataxós

do material para uma ampla pesquisa indígena desde o Rio de Janeiro a Salvador. O levantamento é importante, pois engloba também peças usadas pela tribo dos botocudos, que vivem entre o Rio Doce e o Vale do Jequitinhonha.

Já o levantamento antropológico, baseado na compilação desse material, deverá fornecer dados para uma comparação ao longo dos séculos XIX e XX. "As percepções que os índios terão da sua própria vida servirão para que os pataxós aumentem sua auto-estima", afirma o professor. E não é para menos. "Os pataxós tomarão conhecimento de objetos que eles jamais viram, no início deste século". O resgate contribuirá ainda para se esclarecer costumes socioculturais de outros grupos indígenas importantes, dentre eles, os Maxakali e os Krenak, que vivem na divisa da Bahia com Minas Gerais.

Pataxó transmite a sua cultura para o filho, no sul da Bahia

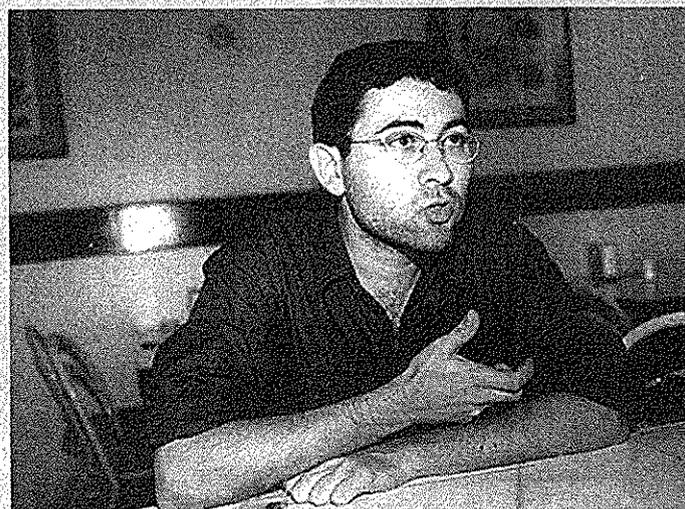
Desconhecem a história

Segundo levantamento feito pelas Nações Unidas, existem em todo mundo cerca de cinco mil grupos populacionais, contando cerca de 300 milhões de pessoas. No Brasil, ainda hoje os povos indígenas representam aproximadamente 5% da população. "Mas os índios pataxós nunca tiveram direito a conhecer sua história e obter de volta inúmeros instrumentos de sua cultura", ressalta Aristóteles Barcelos. Desde o Brasil Imperial, intensificou-se a perda de suas origens culturais. Vale lembrar que, em julho de 1980, o então ministro do Interior, Mário Andreazza, assinou um acordo que garantia aos índios pataxós direitos sobre as terras de Monte Pascoal, numa

extensão de 22 mil hectares.

O projeto denominado "Coleções Pataxó: dois séculos de história e comunicação interétnica no Sul da Bahia", foi escolhido pela Fapex para receber recursos do Fundo de Apoio à Pesquisa (FAP). Serão dois anos de pesquisas. No Brasil ele vai coletar informações no Arquivo Nacional, Biblioteca Nacional e Museu Nacional da 5ª da Boa Vista, antigo Palácio Imperial. E ainda nos museus do Índio da Funai, de Arqueologia e Etnologia da USP e Emílio Goeldi, do Pará. Na Alemanha, as pesquisas serão feitas nos museus de Etnologia de Berlim e de Munique e no Linden Museum de Stuttgart.

Foto: Carlos Santana



Professor Barcelos Neto desenvolverá o projeto em dois anos

